



A PRODUÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA SOBRE AS MULHERES NO ENSINO DE HISTÓRIA

Juliana Kummer Perinazzo Ferreira
Professora da Rede Pública de Caldas Novas- GO
Mestranda em História (UFG/Regional Catalão)

Dra. Lilian Marta Grisolio
Professora da UFG/ Regional Catalão
Doutora em História

*“Temos o direito de ser iguais
sempre que as diferenças nos inferiorizem,
temos o direito de ser diferentes
sempre que a igualdade nos descaracterize”*

Boaventura Santos

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo destacar como o universo feminino é representado nos livros didáticos. A partir da constatação da exclusão e do silenciamento sobre o mundo feminino, partiu-se para o projeto de organizar um caderno temático, como, que inserisse a mulher na História, tornando-a também protagonista. Essa proposta vem de encontro com as expectativas do Mestrado Profissional em História, que tem por objetivo proporcionar uma formação em que haja a reflexão sobre as práticas educativas do ensino de História.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Livros Didáticos; Ensino de História; História das Mulheres; Educação.

Abstract

This paper aims to highlight how the female universe is represented in textbooks. From the evidence of the exclusion and silencing of the female world, she went to the project of organizing a thematic dossier, as that inserisse the woman in history, making it also the protagonist. This proposal comes against the expectations of the Professional Masters in History, which aims to provide training where there is reflection on the educational practices of teaching history.

KEYWORDS: Gender; Textbooks; History teaching; History of Women; Education.

INTRODUÇÃO

A experiência de longa data como professora da disciplina de História nos trouxe uma indagação: o porquê das mulheres, na sua grande maioria, não aparecerem nos livros didáticos de História? Grandes feitos, nomes de grandes pensadoras, cientistas, mulheres atuantes. Onde estão? Quando aparecem, é de uma forma escassa, deturpada ou submissa, normalmente relegada a segundo plano. É notória a falta de visibilidade dessas mulheres, poucas vezes se



destaca o real papel e valor das mulheres em vários momentos cruciais da História, mesmo sabendo que elas foram protagonistas ou fundamentais naquele determinado episódio. Ignora-se. Valoriza-se e se dá ênfase aos feitos, descobertas, invenções e ações masculinas, até mesmo os eventos trágicos em que homens são os responsáveis. Na história pouco importa se são erros ou acertos, desde que se destaque que foram homens que tomaram as decisões.

A ironia perversa é que o magistério é composto, em sua grande maioria, por mulheres desde o processo chamado feminização do magistério no fim do século XIX. Dessa forma, é nessa temática ligada a questão dos direitos da mulher e a inclusão de temas de gênero na escola que reside essa proposta ora apresentada no Programa de Mestrado Profissional em História.

Nas últimas décadas, a mulher tem conquistado um espaço mais atuante na sociedade e no mercado de trabalho. Isso em decorrência das lutas feministas ao longo dos anos. A partir daí, tem crescido muito o número de estudos sobre gênero e representação da mulher. Sendo resultado de uma grande luta que se impõe há décadas para as conquistas de direitos, de voz e visibilidade.

A história da luta pelos direitos das mulheres, começa na virada do século XIX para o século XX. Contudo, não devemos esquecer que a história foi feita e escrita por homens e para homens. Sendo assim, a mulher sempre ficou relegada a assumir uma posição coadjuvante em nossa sociedade mais precisamente em toda a sociedade ocidental.

Para Confortin (2003, p. 107), em seu texto *Discurso e Gênero: a mulher em foco*, a mulher: “[...] continuou sendo vista, por muitos, como um ser inferior, incapaz de exercer a sua cidadania – no Brasil, por exemplo, só pôde votar por meados do século XX – e a ser discriminada em suas habilidades profissionais, por salários abaixo dos pagos a homens em igual função.”

A conquista do voto e o direito de exercer algumas profissões foram conquistadas por mulheres brancas da classe média, no começo do século XX. Em seu livro “O que é feminismo?” Branca Moreira Alves (2003, p.49) destaca que: “Os anos de 1930 e 1940 representam um período em que, formalmente, as reivindicações das mulheres haviam sido atendidas: podiam votar e ser votadas, ingressar nas instituições escolares, participar do mercado de trabalho.” Apesar disso,

continuou-se com uma ideia de inferiorização das mulheres em geral, principalmente porque após essas conquistas houve um *adormecimento* do movimento feminista.

Tedeschi, em sua obra *A História das Mulheres e as representações do feminino na história*, destaca que

[...] discursos recorrentes exerceram influência decisiva na elaboração de códigos, leis e normas de conduta, justificando a situação de inferioridade em que o sexo feminino foi colocado [...] Assim, a desigualdade de gênero passa a ter um caráter universal, construído e reconstruído numa teia de significados produzidos por vários discursos, como a filosofia, a religião, e educação, o direito, etc. perpetuando-se através da história, e legitimando-se sob seu tempo (2008, p. 123).

A mulher em nossa sociedade sempre foi vista como incapaz para exercer determinadas funções ditas masculinas. Quem nunca escutou algumas frases, tais como: “boneca é brinquedo de meninas, carrinho é de meninos” ou “ser pedreiro é para homens, pegar peso é para homens”, ou ainda “lavar e passar roupa, fazer comida são funções femininas”, “a cor rosa é de meninas”, “a cor azul de meninos”. O que nos leva a questionar: Quem estabeleceu tais questões? Quem definiu o que são funções femininas e masculinas? Como são organizadas as representações sobre o feminino em diferentes áreas? Para refletir sobre essas questões e transformações que vem ocorrendo, procuramos esclarecer o termo gênero. Ferreira (2000, p.345) em seu *Dicionário da Língua Portuguesa* conceitua “Gênero humano, a espécie humana”. Ou ainda, como “a forma como se manifesta, social e culturalmente, a identidade sexual dos indivíduos.”

No Brasil, o campo de estudos sobre gênero surge entre as décadas de 1970 e 1980 e tinham como preocupação estudar a mulher e a opressão dentro das sociedades patriarcais. Para Grossi

Nesta época, foi feita uma série de estudos sobre operárias, camponesas, empregadas domésticas, etc., os quais tinham um duplo objetivo: por um lado, mostrar que as mulheres das classes trabalhadoras eram mais oprimidas que as outras; por outro, eles também compartilhavam da visão de que havia uma mesma opressão de todas as mulheres, independentemente do lugar que elas ocupavam na produção, pois todas eram oprimidas pela ideologia patriarcal. (1998, p. 03)



Esse tipo de abordagem de análise do gênero, simplesmente encontrava a explicação da submissão feminina na necessidade masculina de dominar as mulheres, e, não explicava como esse processo de dominação ocorria. Somente a partir da década de 80 é que houve a necessidade de teorizar gênero, pois, procurou-se uma busca pela legitimidade acadêmica para os estudos feministas.

Para Scott (1995, p. 72), pesquisadora norte-americana afirma, em seu texto *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*: “as feministas começaram a utilizar a palavra ‘gênero’ mais seriamente, no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos”.

Scott esclarece ainda que “No seu uso mais recente, o ‘gênero’ parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo”. Ainda afirma que “A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’. O gênero sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas das feminilidades” (p.72).

Vinculada a essa concepção, Pinsky, nos indica que:

Indo um pouco além, observamos que os relacionamentos familiares, as formas de expressar a sexualidade, as ideias sobre maternidade e paternidade, os modos como se dão às relações de trabalho, a divisão de tarefas ou a distribuição social de poderes entre homens e mulheres são compreendidos e se manifestam de maneiras diferentes em cada contexto social, configurando relações de gênero distintas em vários lugares e momentos históricos diversos. (2013, p.32)

Então gênero é uma categoria de análise histórica, cultural e política que expressa relações de poder. Podemos perceber que o termo gênero é muito recente. É tão recente quanto às conquistas femininas, e, que esse termo, é fruto de uma construção histórico-social.

Sendo uma construção histórico-social, ela perpassa pela escola e conseqüentemente está embasada nos livros didáticos que estão carregados de pontos de vista, ideologias e interesses de quem os remete. Segundo Bittencourt

Segundo muitas das pesquisas, o poder da ideologia reside em uma imposição sem mediações e toda ideologia é integralmente incorporada por alunos e



professores. Embora não se possa negar e omitir o papel dos valores e da ideologia nas obras didáticas, as conclusões de muitas das atuais pesquisas sobre as práticas de leitura desse material tem apontado para a importância das *representações sociais* na apreensão do seu conteúdo e método. A recepção feita pelos usuários é variada, até porque o público escolar não é constituído por um grupo social homogêneo. (2009, 316-317)

Então para que serve a história das mulheres? Para que pesquisar sobre a representação feminina? Para fazê-las existir perante a sociedade fundamentalmente para alcançarmos uma sociedade que respeita a diversidade, valoriza as diferenças e seja de fato democrática. A História pode colaborar fazendo com que nossos alunos compreendam diferentes aspectos da cultura e sociedade de diferentes épocas. Além disso, falar da história das mulheres pode levar a incorporação de mudanças e comportamentos que possibilitem a construção de uma sociedade igualitária, não androcêntrica, onde a mulher é parte constituinte desse processo como construtora e sujeito dessa História.

Educação, livros e exclusão

O livro didático, portanto, pelo papel que adquiriu no sistema educacional, acaba sendo protagonista das aulas, por vezes o único recurso utilizado em sala e o único meio de acesso ao conhecimento. E nesse sentido, dentro de um contexto escolar ele perpetua a condição de exclusão feminina. Segundo Fonseca (p.49, 2006): “O livro didático é, de fato, o principal veiculador de conhecimentos sistematizados, o produto cultural de maior divulgação entre os brasileiros que têm acesso à educação escolar.”

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio dentro de Ciências Humanas e suas Tecnologias

Construir a identidade pessoal e social na dimensão histórica, a partir do reconhecimento do papel do indivíduo nos processos históricos simultaneamente como sujeito e como produto dos mesmos. (2000, p. 28):

Estes são os objetivos para o Ensino Médio, constante nos PCNs e que nos fazem questionar até que ponto os livros didáticos contribuem para essa dimensão. Os manuais didáticos



deveriam estar de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, no entanto, é fato que os livros como mercadorias das editoras acabam muitas vezes por diluir conteúdos, caindo no *conteudismo* sem problematização e reproduzindo modelos tradicionais.

O livro didático deveria ser um dos responsáveis por incorporar a discussão do gênero no ensino da história, e, assim, desconstruir as desigualdades existentes no espaço escolar. A análise dos livros didáticos a partir do gênero pode e deve contribuir para que esses livros ao incorporar mudanças, possibilitem, também, a revisão de comportamentos normativos, preconceitos e discriminações erigidos sobre diferença.

Mas para que isso aconteça, devemos analisar o papel que a escola e os professores desempenham na formação e na vida desses alunos. Como professores, temos a difícil tarefa de tornar o ensino de História mais adequado à realidade sociocultural dos mesmos. Mesmo porque, uma educação multicultural passou a ser pensada e muito discutida. Além da necessidade da implantação de uma educação histórica voltada para a formação da consciência histórica. Apesar de termos tido o nosso protagonismo educacional negado por muito tempo, além de um silenciamento nesse debate educacional, conforme Buffa e Nosella (1991), está-se buscando uma educação mais igualitária.

Atualmente, tem-se falado muito sobre uma educação inclusiva, uma educação que privilegie as minorias, entende-se aqui minorias como aqueles grupos excluídos dos direitos civis. Nesse caso, as mulheres, e a omissão de sua representação na historiografia, faz parte desses grupos que buscam mudar o cenário de exclusão. Incluir estes grupos sociais na educação dando-lhes voz e espaço, é criar uma sociedade livre de práticas que desprivilegiam essas minorias. É consolidar espaços educacionais que combatam a permanência e reprodução da discriminação e do preconceito.

Horn e Germinari, em seu livro *O ensino de História e seu currículo* (2009, p.18) citam que: “o processo de ensino é intrinsecamente ligado ao processo social e as modificações em um deles refletem e são refletidos no outro.”



Se, está intrinsecamente ligado ao processo social, devemos analisar como é a formação deste educando. Ou, mais precisamente, como o professor está sendo formado, ou se existe uma formação continuada, para que os professores estejam aptos para auxiliá-los nesse processo de ensino-aprendizagem. Pois, o nosso currículo não valoriza a história dos menos favorecidos. Além disso, existe uma exclusão nos currículos com relação a história e a participação da mulher nessa história.

Horn e Germinari continuam

em geral as escolas trabalham com o objetivo de difundir conhecimentos e valores, é importante que os educadores analisem e tenham consciência das formas pelas quais consentem que concepções e acordos, mesmo que inconscientemente, sejam viabilizados através deles. (2009, p. 19)

Regina Pahim Pinto, em seu texto Diferenças étnico-raciais e formação de professor diz que devemos tornar a educação escolar um momento efetivo de reflexão. Que devemos formar professores para discutir questões como relações étnicorraciais. E porque não discutir também relações de gênero, que estão tão presentes em nossa sociedade?

De acordo com Pinsky

se a interpretação subjetiva ocorre numa estrutura fornecida pela cultura, as pessoas podem refletir sobre suas experiências, reformular suas memórias e agir sobre sua situação determinada, podendo até contribuir para uma reestruturação das concepções de gênero. (2013, p.44)

Incorporar o tema gênero nas aulas de História é importante, não só porque recoloca a mulher como sujeito histórico, como também a história passa a ser pensada e reescrita por outros temas, outras narrativas, outras visões contribuindo com o real papel da História. Além disso, discutir a questão da mulher em sua relação com a educação e a História pode significar revertermos comportamentos em várias instâncias, modificando práticas sexistas e discriminatórias.

Monteserrat Moreno em seu livro, “Como se ensina a ser menina: O sexismo na escola”, nos afirma:

A escola pode contribuir para este trabalho, analisando conjuntamente com as alunas e os alunos os papéis que a sociedade atribui a cada sexo (estudando os modelos que a televisão e as histórias em quadrinhos apresentam, realizando



pesquisas, etc.) e ajudando-as a descobrir o que de bom e de mau cada um tem, mas, sobretudo, a limitação imposta a cada pessoa ao ter que se submeter aos estereótipos que a sociedade, gratuitamente, impõe a seu gênero.(1999, p.74)

Entendemos que buscar uma educação transformadora é um elemento central nas produções teóricas da academia, e realizar um trabalho que relacione as análises teóricas com a prática educacional vem a estreitar essa relação entre a Universidade e as Escolas.

No processo de realização e transformação que este projeto passou, descobrimos diversas pesquisas que abordam o tema a ausência da mulher nos livros didáticos e em especial nos livros de História. São várias as análises, mas sobressai a ideia de que ela continua representada nos livros como sendo destinada a assumir papéis inferiores aos dos homens, contribuindo para a reprodução do imaginário popular onde ela ainda é educada para assumir o papel de mãe e do lar. Apesar de nítidos avanços, em alguns espaços, ainda persiste a visão de que ela pode trabalhar fora, mas a sua essência é cuidar da casa, dos filhos e esperando pelo marido.

Através de textos e imagens, podemos perceber que os conteúdos que estão presentes nos livros didáticos, ou até mesmo os que *não* estão presentes, perpetuam e reproduzem essas visões sobre as mulheres. Portanto a maneira pela qual as mulheres são representadas nos livros didáticos mostra como a mulher é entendida por nossa sociedade, afetando as mulheres, sua identidade, atuação e direitos.

Entendemos que o livro didático, como recurso tão importante dentro do nosso sistema de ensino deveria ser um dos responsáveis pela desconstrução das desigualdades no espaço escolar e colaborador para a construção de uma sociedade não sexista, justa e igualitária. No entanto, a questão da invisibilidade ou da inferiorização feminina nos livros didáticos já foi feita por diversos autores, não apenas nos livros didáticos de História, como também em outras áreas do conhecimento como na Matemática, Língua Inglesa, Língua Portuguesa, dentre outros.

Pinto em Fernanda Dias Oliveira, em “Abram seus livros... o discurso sobre diferença nos livros didáticos (2006) percebeu que há o predomínio de uma historiografia tradicional e que limita o papel da mulher a de mãe e esposa.



Fernanda de Cássia Brigolla e Aparecida de Jesus Ferreira em seu artigo “A representação feminina nos livros didáticos de Língua Inglesa”, através de análise das imagens presentes em alguns livros, destaca que:

Afinal, essa seção é predominantemente composta por pessoas do sexo masculino. Dos cinquenta e oito personagens, apenas treze são do sexo feminino. Há um personagem que não é possível fazer uma análise criteriosa, ainda assim, a porcentagem de homens é maior do que das mulheres. Estas, além de serem em minoria, possuem função secundária: enfermeira, vendedora de ingressos para o cinema e caixa do banco, e pessoas comuns. Os homens, por sua vez, possuem papéis diversos: em quatro ilustrações, eles aparecem fazendo atividades, como ler ou esporte; fato que não se aplica a nenhuma personagem mulher nestas imagens. Os homens ocupam também os ofícios de vendedor, médico, ou ilustração em vitrine ou livro e pessoas comuns, figurantes. (p.09)

E continua:

De acordo com as análises, pode-se concluir que ainda há uma dissonância entre as ocupações que a mulher tinha e as que ela adquiriu e vem conquistando. Além disso, ao falar da mulher referimo-nos também ao homem e o reflexo de concepções cristalizadas, socialmente, propaga-se em ambas as representações: o homem branco que trabalha e a mulher na cozinha ou em empregos secundários.(p.11)

Lindamir Salete Casagrande e Marília Gomes de Carvalho em seu artigo “Educando as novas gerações: representações de gênero nos livros didáticos de matemática” cita que

De um modo geral pode-se concluir que os gêneros são representados de forma diferenciada nos livros analisados. A representação de meninos é mais frequente que a de meninas. Eles são representados em situações mais diversas que elas. São mais autônomos, tem mais iniciativa, além de serem aventureiros. Ao representar os gêneros de forma distinta e desigual, os livros didáticos podem contribuir para a construção e manutenção de outras desigualdades sociais. Contribuem também para a socialização diferenciada de meninos e meninas.(p.14)

Essa constatação do silenciamento da mulher nos livros didáticos não é um caso isolado no Brasil, Montserrat Moreno em seu livro “*Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*”, destaca que na Espanha, o mesmo fato ocorre nos livros didáticos, e justamente é no livro de História onde o problema é maior, porque nesses livros deveriam pelo menos se contar a história das principais mulheres que se destacaram na história. Para a autora, “A narração



histórica não é imparcial, como também não o é a narração de um fato observado na atualidade, mas refletem o ponto de vista de quem o narra.(MORENO, 1999,p.50)

Foi, partindo da análise aqui apresentada sobre a ausência das mulheres na História apresentada nos livros didáticos de Históriaé que optamos por elaborar um caderno temático que insira a mulher como protagonista e sujeito histórico da nossa História. Propõe-se assim, uma intervenção direta entre professores e alunos através da construção de um material prático para auxiliar no debate sobre a questão.

Entendemos que o livro didático deve ser um instrumento utilizado, mas, não o único, assim outros recursos como livros paradidáticos, filmes ou cartilhas podem complementar a formação do professor e auxiliar nas suas atividades. Sabe-se que o livro passou a ser “o” instrumento pedagógico principal das aulas, não só de História, mas de diversas outras disciplinas. Pois, o(a) professor(a) devido à carga excessiva de trabalho não tem tempo para pesquisar e dispor de outros materiais. Por vezes, os(as) educadores(as) não conseguem em seu cotidiano perceber e resolver problemas pedagógicos próprios do dia a dia escolar, muitas vezes estando reféns de um número excessivo de aulas, cobranças burocráticas, salas superlotadas, pouco tempo para reflexão e a preparação das aulas, entre outros problemas reais da educação brasileira. Conforme, assinala a autora Circe Bittencourt que explica que o grau de dependência dos professores em relação ao material está associado à sua formação e às condições de trabalho.

Dessa forma, o estudo aqui apresentado versa sobre a produção de material didático-pedagógico na forma de um caderno temático com objetivo de instrumentalizar esses professores para o debate sobre a ausência das mulheres na História. Além disso, desenvolver propostas práticas de trabalho histórico-pedagógico para aplicação em sala de aula que auxilie na construção de uma sociedade mais igualitária e menos sexista.

Destacamos como principais objetivos desse trabalho: elaborar um material didático-pedagógico na forma de um Caderno Temático com o objetivo de auxiliar e instrumentalizar os professores para o trabalho com a questão das mulheres nos diferentes momentos históricos; apresentar reflexões e discussões em torno das temáticas gênero e representação; analisar como



a mulher vem sendo representada nos livros didáticos; reconhecer o papel que a mulher alcançou nas últimas décadas na sociedade brasileira apesar da historiografia ter renegado a ela esse protagonismo dentro da história; reconhecer que o livro didático, a partir das discussões de gênero e representação pode e deve contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária; discutir a forma como essa mulher foi e é educada, para a construção de uma sociedade mais justa; inserir a presença feminina em diferentes momentos da História; capacitar os professores na elaboração de aulas, atividades e projetos com a temática aqui proposta.

Não é a intenção da proposta, “entregar uma receita pronta” e sim construir um material que sirva de apoio de modelo para novas criações e projetos. Assim, a autonomia do professor é também um objetivo deste projeto. Acreditamos que auxiliar aos professores para essa reflexão e tarefa, poderá ser apenas o ponto de partida da numa longa trajetória, mas necessária, rumo a transformações conceituais e práticas da escola. Esse processo deve ao fim garantir uma mudança na forma dos professores pensarem suas propostas de conteúdo e possam criar novas práticas que atinjam os alunos e a comunidade escolar como um todo.

Questões teóricas e a produção didática

Para Certeau, em *A Escrita da História* (2000, p.66): “Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural.” Sendo então a escola, esse lugar, no qual realizar-se-á a pesquisa e os professores-pesquisadores os sujeitos responsáveis pela transformação desse espaço. A preocupação com a história do cotidiano, fez com que vários pesquisadores vissem a importância de se valorizar o professor-pesquisador-historiador. Pois, são eles que estão em contato com os jovens e que são os responsáveis pela formação de uma consciência histórica nos mesmos.

Rüsen, no livro *História Viva*(2007) , parte de uma perspectiva de que a história é uma ciência que produz um conhecimento multiperspectivado, sendo ela então, essa ciência, será capaz, através da instrumentalização desses professores a desenvolver uma consciência mais igualitária. A disciplina de história deve estar relacionada com a vida prática.



Para Rüsen, em Didática - funções do saber histórico, os historiadores quando produzem um trabalho querem produzir um efeito, pois, não existe uma neutralidade do conhecimento científico. Por mais que alguns possam escamotear as suas intenções, a sua subjetividade está presente em seus discursos. Esse conhecimento produzido, deve ser responsável pela formação de uma consciência histórica no indivíduo, ou seja, que o indivíduo possa se sentir, se compreender estando num mundo, sendo um sujeito histórico desse mundo. Quando isso ocorre, a sua formação histórica o orientará para a vida prática.

Isabel Barca em “Educação Histórica: uma nova área de investigação”(2001) diz que o docente é o pesquisador da própria prática e pesquisador das questões que ensina e que inicia seus alunos nos procedimentos de pesquisa. Essa é formação para uma educação histórica.

Ainda em construção, a proposta do **Caderno Temático** será ainda delineado no desenvolvimento desta pesquisa, respeitando o diálogo com os aportes teóricos, resultados do debates e descobertas alcançadas. Num primeiro momento, definiram-se ao menos quatro temas, uma para cada ano letivo do Ensino Médio para que possa servir de base para o desenvolvimento de outras temáticas, e um tema que pode ser abordado em qualquer série e que se relaciona com a história regional de Goiás, à saber:

1. **As mulheres no Renascimento**
2. **As mulheres e a Revolução Francesa**
3. **A atuação da mulher na Ditadura Civil Militar no Brasil**
4. **Mulheres Goianas: o caso de Santa Dica e Cora Coralina**

Vale ressaltar novamente, que este **Caderno Temático** não pretende engessar o professor ou substituir o livro didático. Não pretendemos mecanizar ou limitar a autonomia dos/as educadores/as, ao contrário, desejamos que este material sirva de exemplo e estímulo para criação e desenvolvimento de outras situações didáticas não descritas aqui. A escola e a sala de aula são espaços de criatividade, inovação e ampliação de ideias e ações. Acreditamos que a prática educativa deva ser constantemente renovada para que se viabilize novas estratégias, propostas alternativas e projetos pedagógicos.



Esse caderno deve servir como um ponto de partida e que os professores possam assim, fazer as suas escolhas na elaboração das suas aulas. Também vale destacar que apesar do público alvo ser os professores de História, nada impede que as demais áreas da Humanas, como Artes ou Letras, não possam interagir e usufruir da proposta.

Outra importante dimensão deste projeto é aplicar o **Caderno Temático** em forma de oficinas na rede pública de ensino, para que possamos utilizar os seus resultados para a consolidação do material. Entendemos que o caderno terá mais valor se for fruto da realidade destes/as educadores/as e de suas escolas, das suas ações pedagógicas e da interação do ensino e aprendizagem entre indivíduos comprometidos/as com o seu tempo e com sua sociedade.

Finalmente, entendemos que esta proposta de intervenção na sala de aula através da construção de um **Caderno Temático** de apoio pode auxiliar na transformação efetiva da sala de aula, visto que o modelo educacional em vigor vem demonstrando grande dificuldade para atender as novas demandas de grupos sociais e seus direitos. Infelizmente, percebemos uma permanência e conservação de concepções e práticas pautadas em tendências pedagógicas tradicionais que colaboram com a desigualdade entre homens e mulheres. Este projeto se insere na perspectiva de viabilizar o diálogo entre o saber teórico das pesquisas científicas realizadas em âmbito universitário e as escolas de educação básica.

Considerações Parciais

Conforme indicado neste artigo, apresentamos aqui a proposta em desenvolvimento no Mestrado Profissional de História. O trabalho centra-se no estudo sobre as relações de poder e a representação do feminino nos livros didáticos de diferentes momentos da história brasileira. A partir disso, propomos um trabalho de intervenção histórico-pedagógica em sala de aula, através de um **Caderno Temático** que visa instrumentalizar professores para o trabalho com a questão do universo feminino na História.



Sendo assim, este caderno constitui-se num instrumento de reflexão e recurso didático para aos professores da Educação Básica, especificamente acerca dos desafios postos na questão da representação do papel da mulher em nossa sociedade.

Nesse sentido, muito se fala em valorização e desvalorização da mulher em nossa sociedade, onde a mulher desempenha diversos papéis: ela é mãe, dona de casa, esposa, trabalha fora e muitas vezes é arrimo de família. Mas o que é ser mulher? Por que tantas desigualdades entre homens e mulheres? Historicamente, em nossa sociedade, essas desigualdades são destacadas pelas distinções de sexo, ou seja, diferenças físicas entre homens e mulheres. Essas diferenças foram usadas pelos indivíduos para construir um conjunto de representação social e cultural que chamamos de gênero.

Esses discursos historicamente construídos sempre colocaram a mulher como submissa ao homem, e por isso inferior e incapaz. Mas, a partir da década de 1960, com o movimento das feministas nos Estados Unidos, as discussões sobre gênero ganharam força.

Para Grossi em *Identidade de Gênero e Sexualidade* (1995 p.02), ressalta que

Os estudos de gênero são uma das consequências das lutas libertárias dos anos 60, mais particularmente dos movimentos sociais de 1968: as revoltas estudantis de maio em Paris, a primavera de Praga na Tchecoslováquia, os *blackpanthers*, o movimento hippie, as lutas contra a guerra do Vietnã nos EUA, a luta contra a ditadura militar no Brasil. Todos esses movimentos lutavam por uma vida melhor, mais justa e igualitária, e é justamente no bojo destes movimentos "libertários" que vamos identificar um momento -chave para o surgimento da problemática de gênero, quando as mulheres que deles participavam perceberam que, apesar de militarem em pé de igualdade com os homens, tinham nestes movimentos um papel secundário. Raramente elas eram chamadas a assumir a liderança política: quando se tratava de falar em público ou de se escolher alguém como representante do grupo, elas sempre eram esquecidas, e cabia-lhes, em geral, o papel de secretárias e de ajudantes de tarefas consideradas menos nobres, como fazer faixas ou panfletar."

Apesar de estarem lado a lado com os homens, em atribuições e responsabilidades, as mulheres tem que lutar para conquistar os mesmos direitos. Essa luta não cessou. Apesar das mudanças em curso, as mulheres ainda são muitas vezes educadas e até "programadas" para



desempenhar funções consideradas estritamente femininas, segundo a convenção social tradicional.

Constatamos um longo período de invisibilidade feminina, assim este estudo busca colocar esta questão em evidência, e desta forma, lembrar que nosso papel na Universidade é também levantar problemas, questionar, colocar temas em destaque e fazer análises críticas na busca de melhor compreender nossa sociedade. Trata-se, sobretudo, de recusar uma historiografia que negue a história da mulher, perpetuando na escola essa desvalorização e inferiorização do feminino.

Portanto, nosso estudo responde a um duplo objetivo: refletir sobre a constatação de negação e de esquecimento do universo feminino compreendendo sua função social e interesses, e, produzir um material didático-pedagógico sobre o tema. Acreditamos que só uma prática permanente de atividades educativas inclusivas e não discriminatórias, podem de fato construir de uma nova sociedade mais reflexiva, autônoma, democrática e que valorize a diversidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Branca Moreira. **O que é feminismo?**. – 8ª ed.- São Paulo: Brasiliense, 2003.

AUAD, D. **Feminismo: Que história é essa?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BARCA, Isabel. **Educação histórica: uma nova área de investigação**. Revista da Faculdade de Letras, Porto III série, volume 2, 2001, pp. 013-021.

BITTENCOURT, Circe Maria F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**- 3.ed.- São Paulo: Cortez, 2009.

BRIGOLLA, Fernanda de Cássia. FERREIRA, Aparecida de Jesus. **A representação do gênero feminino em livros didáticos de Língua Inglesa**. <http://www.abrapui.org/anais/PosteresLingua/4.pdf>. Acesso em: 02/10/2014.

BUFFA, Ester. NOSELLA, Paolo. **A educação negada: introdução ao estudo da educação brasileira contemporânea**.- São Paulo: Cortez, 1991.

CASAGRANDE, Lindamir Salete. CARVALHO, Marília Gomes de. **Educando as novas gerações: representações de gênero nos livros didáticos de matemática**. GT: Gênero, Sexualidade e Educação/ n. 23.

CONFORTIN, Helena. **Discurso e gênero: a mulher em foco. Representações do feminino**. Campinas, SP: Editora Átomo, 2003.



DE CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2002

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da Língua Portuguesa/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baiard Ferreira, lexicografia, 4.ed. Ver. Ampliada – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.**

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados**.- 5. ed. – Campinas, SP: Papyrus, 2006.

GROSSI, Miriam Pillar Grossi. **Identidade de Gênero e Sexualidade**. Disponível em: <www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/identidade_genero_revisado.pdf> · Acesso em: 5 mai. 2014.

HORN, Geraldo Balduino. GERMINARI, GeysaDongley. **O ensino de história e seu currículo: teoria e método**.- 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina: O sexismo na escola**. São Paulo: Moderna; Campinas - Moderna, SP,1999.

Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas tecnologias.<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 29 agosto . 2014.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Novos temas nas aulas de História**. – 2.ed..- São Paulo, SP. Contexto, 2013.

PINTO, Andréa Márcia. **A representação da mulher nos livros didáticos de História**. Vitória:2001. 1810. Dissertação (Mestrado em Educação) - UFES – apud Fernanda Dias Oliveira. **Abram seus livros... o discurso sobre diferença nos livros didáticos**. Juiz de Fora (2006)

PINTO, Regina Pahim. **Formação de professor e as questões étnico-raciais**. Cadernos de Pesquisa, nº 108, p. 199-231, novembro/1999.

RÜSEN, Jörn. **História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

SCOTT, J. W.: Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº2, jul-dez 1995, pp. 71-99. Disponível em: <https://archive.org/details/scottgender> Acesso em: 22/03/2015.

TEDESCHI, LosandroAntonio. **História das mulheres e as representações do feminino**. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2008. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2009000300021&script>. Acesso em: 06 mai.2014.

_____. **TEDESCHI, LosandroAntonio. O ensino de História e a invisibilidade da mulher**.<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/2100>. Acesso em: 28/08/2014.